

O ensino das atividades experienciais nos cursos superiores de tecnologia em turismo no Brasil

Raul José de Souza¹
Herculano Cachinho²

Resumo:

Os gestores públicos apoiados pelos empresários dos diversos setores em nível global têm buscado encontrar estratégias para desenvolver produtos, ou seja, “o que” eles mais poderiam oferecer para atrair e cativar os turistas. Entretanto, esses mesmos gestores e empresários não devem subestimar o importante papel que o ensino do turismo representa para a gestão desses produtos. Esse é, portanto o objeto dessa investigação que está em curso, em que buscamos conhecer não propriamente “o que” mas perceber “o como” ensinar o turismo, sobretudo no âmbito das atividades experienciais (práticas) pelos professores da Rede Federal de Ensino Profissional, Científica e Tecnológica no Brasil. Informações e dados preliminares obtidos por investigação junto aos professores do ensino em turismo de Portugal sugerem que, em geral, se por um lado os professores demonstram os conhecimentos e técnicas que os habilitam ao ensino do turismo, por outro, percebemos a ausência de algumas variantes, nomeadamente próprias da formação pedagógica e que consideramos importante investigar. Mensurar, ainda, os conhecimentos que as atividades experienciais, supostamente promovem nos alunos complementa os objetivos deste estudo.

Palavras-chave: Ensino em turismo. Educação profissional e tecnológica. Atividades experienciais. Formação de professores.

¹ Doutorando em turismo na Universidade de Lisboa. Bolsista Capes Proc. BEX Nº 1063/120. Professor do curso superior de tecnologia em gestão do turismo no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de São Paulo – IFSP. raulsouza@campus.ul.pt

² Professor Doutor do Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa. hc@campus.ul.pt.

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

Introdução

O ensino público na modalidade profissional e tecnológica tem recebido destacados investimentos por parte do governo federal do Brasil nos últimos anos que, através da expansão da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica³ e, mediante a oferta de cursos de formação profissional de nível médio, técnico e superior incluindo pós-graduação em várias áreas, tem, efetivamente, possibilitado a muitos estudantes o acesso ao ensino público gratuito⁴. O curso superior de tecnologia em turismo no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de São Paulo – IFSP, por exemplo, é um curso superior com duração de três anos letivos e os alunos se graduam “Tecnólogos em Turismo”.

A estrutura curricular dos cursos de tecnologia em turismo do IFSP compreende, por um lado, disciplinas de outras áreas e por outro, aquelas relacionadas com as atividades profissionais e em consonância com o projeto pedagógico do curso. Para além destas, também fazem parte da estrutura curricular as atividades experienciais⁵ que no ensino do turismo correspondem aquelas estritamente direcionadas ao exercício profissional.

O interesse nesse objeto de estudo se deve em parte às inquietações deste investigador que, na qualidade de professor de turismo na modalidade profissional e tecnológica, se confronta com determinados procedimentos e métodos que têm sido percebidos na aplicação das atividades experienciais nesta modalidade de ensino. Ao longo dos anos na docência temos vivenciado situações em que, invariavelmente, torna-se necessário ao professor adaptar ou mesmo

³ Esclarecimentos detalhados a respeito dos Institutos Federais no Brasil podem ser obtidos no sítio da Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica – SETEC do Ministério da Educação e seus links associados em: <http://redefederal.mec.gov.br/>

⁴ A Educação Profissional e Tecnológica está sendo convocada não somente para atender às novas configurações do mundo do trabalho, mas, também, para contribuir com a elevação da escolaridade dos trabalhadores em geral.(...) Especialmente porque o espaço social das práticas de ensino, pesquisa e inovação desenvolvidas nessa área vem se constituindo de forma diferenciada, porquanto mais vinculada à ciência aplicada e às realidades locais, em contraponto àquelas desenvolvidas no espaço do mundo acadêmico. Este é o elemento distintivo que está na gênese da constituição de uma identidade social particular para os agentes e instituições aí envolvidos. (MEC/SETEC, 2008, editorial, p.7).

⁵ No IFSP, o currículo dos cursos de gestão do turismo prevê a realização de atividades experienciais (práticas) em que o aluno desenvolve serviços característicos do exercício profissional em turismo (ex.: viagens de campo organizadas pelos professores para reconhecimento e compreensão do produto e destinos turísticos, elaboração de projetos acadêmicos, organização de atividades/eventos do curso pelos alunos, etc.,). Projeto pedagógico de Curso – PPC/IFSP/2010.

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

“improvisar” formas de transmitir conteúdos de determinadas atividades inerentes à componente curricular. É o caso das atividades experienciais no ensino superior profissional e tecnológico em turismo da rede federal que tem sido, supostamente, conduzidas sem que os professores apresentem competências⁶ pedagógicas para fazê-lo.

Nossas preocupações se fundamentam, ainda, nas investigações de estudiosos como Tribe (2002, p. 73), em sua análise sobre tendências de pesquisa em educação em turismo ao sublinhar que “o ‘como’ ensinar ficou obscurecido pelo ‘o que’ ensinar, e as questões referentes ao ensino e à avaliação foram desconsideradas”. Parsons (1991), que identificou a falta de credibilidade do mercado de trabalho em relação aos cursos de turismo e a necessidade de uma sinergia mais construtiva entre educação e a “indústria”. Anteriormente, Kaplan (1982) havia defendido uma maior especialização dos cursos para satisfazer as mudanças da organização industrial, tema igualmente abordado por Weiermair (1995).

Por sua vez, a Organização Mundial do Turismo – OMT (1997, p. 43-45), através da metodologia TEDQUAL⁷ concebe hipóteses de estudo sobre as necessidades de educação e formação, nomeadamente a existência de: “*disparidades entre o resultado do sistema formativo e a procura dos empregadores, que desejam profissionais para prestar um serviço de qualidade; lacunas nos procedimentos educativos, que se pretendem mais eficientes*”. Existe um número excessivo de instituições, currículos e cursos, organizados muitas vezes de forma “*ah doc*”. Tal excesso tem um efeito negativo nos resultados da formação e contribui para a dispersão de esforços e recursos, conduzindo ao fracasso das finalidades em longo prazo e a discrepâncias na qualidade da formação, em resultado de mudanças ocorridas no contexto da “indústria” turística.

Assim, desconhecendo a existência de estudos científicos que nos dêem respostas a estas e outras indagações concernentes ao ensino em turismo, alguns questionamentos foram sendo construídos ao longo da nossa trajetória profissional na docência em turismo, que consideramos de extrema relevância para uma investigação, e que não se limitam a estes: como é que os professores concebem a pedagogia em turismo? O que eles julgam que seja ensinar turismo? Como eles julgam que seja ensinar o turismo no ensino superior profissional e tecnológico? O que eles entendem por atividades experienciais? De que modo eles concebem que seja ensinar o turismo no contexto das atividades experienciais? O que eles pensam sobre as razões de aplicarem tais atividades no ensino superior em turismo? Como é que os professores planejam e

⁶ Competências em educação adquire o significado de saber-fazer, caso do treino na formulação de perguntas, na utilização do reforço, na condução da aula, na explicação de assuntos. Estrela *et al* (1990).

⁷ A Organização Mundial do Turismo – OMT – desenvolveu a metodologia TEDQUAL (Tourism EDucation QUALity), qualidade na educação turística, com o propósito de contribuir para uma padronização voluntária no tratamento dos problemas da qualidade na educação e formação turística. (OMT, 1997).

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

como organizam essas atividades no ensino superior profissional e tecnológico em turismo? Como é que eles as avaliam? Quais desafios confrontam para realizarem atividades experienciais no ensino superior em turismo? Ou seja, por mais que os cursos superiores de tecnologia em turismo na rede federal tenham sido criados e oferecidos em escala ascendente nos últimos anos, essas questões permanecem sem encaminhamento e respostas condizentes com a sua importância educacional no Brasil.

Portanto, considera-se como um dos contributos desta investigação, qual seja dar a conhecer aos estudiosos do turismo no Brasil qual tem sido o entendimento dos professores da rede federal de ensino profissional, científica e tecnológica a respeito do ensino do turismo no que tange ao planejamento, a condução e a aplicação das atividades experienciais. Identificado este modelo, pretende-se ainda poder conhecer os resultados educacionais advindos dessas atividades que possam ter ajudado a melhorar os conhecimentos dos alunos para, em caso de inconsistência no âmbito pedagógico, propor alternativas intervenientes no intuito de auxiliar o professor de ensino superior de turismo nesta modalidade na condução das suas próprias atividades, com vistas a melhorar o produto final, ou seja, os resultados dos alunos.

Metodologia e objetivos

A investigação parte de uma reflexão acerca da epistemologia do turismo, para na sequência debruçar-se sobre os paradigmas do ensino superior em turismo no Brasil e no mundo, a estruturação do currículo em turismo e a educação em turismo na modalidade profissional e tecnológica com recorte para a investigação empírica no âmbito dos cursos superiores de turismo dos institutos federais no Brasil, convergindo para a análise das competências pedagógicas dos professores para realizarem atividades experienciais no ensino superior tecnológico em turismo.

Constituirão, ainda, sujeitos de investigação uma amostra representada pelos docentes que lecionam nos cursos superiores de gestão do turismo do IFSP. Os instrumentos utilizados para recolha dos dados compreenderão entrevistas com os professores e observação de aulas experienciais conduzidas pela mesma amostra. Adicionalmente um terceiro instrumento consistirá de um inquérito por questionário a ser aplicado a uma amostra de alunos que nos dê a conhecer a opinião dos estudantes a respeito do seu aprendizado por meio das atividades experienciais.

O objetivo central do estudo está em consonância com a análise das competências pedagógicas que os professores dos cursos superiores de tecnologia julgam ter para ensinar o turismo, nomeadamente as atividades experienciais na modalidade de ensino profissional e tecnológica da rede federal. Em posição de maior proximidade ao objetivo geral buscaremos saber ainda como os professores concebem a pedagogia em turismo, perceber o conhecimento dos

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

professores a respeito da aplicação das atividades experienciais no ensino superior em turismo, o entendimento sobre a estrutura curricular e como as atividades têm sido conduzidas profissional e pedagogicamente.

Revisão bibliográfica

À primeira vista, a ideia do turismo como um objeto de estudo e pesquisa acadêmica pode parecer incongruente. Intelectualizar a prática do lazer, aparentemente, mais se compara a querer chegar a um ponto longe demais Jamal & Robinson (2009). Estudar as férias das pessoas, sob qualquer perspectiva, soa um pouco inconsequente, senão um vago voyeurismo.

Não obstante, a importância do turismo no contexto socioeconômico no mundo impõe uma reflexão profunda sobre o sistema formativo, nomeadamente à formação e qualificação dos seus atores (professores e alunos), porquanto estes devem ser vistos como responsáveis por desempenharem vários papéis em prol do desenvolvimento do setor.

Todavia, mencionar a formação em turismo nos leva, ainda, à abordagem a respeito do currículo⁸ de educação em turismo que, sob o ponto de vista de (Lewis & Tribe, 2002), ao analisarem as implicações mais abrangentes da globalização para os currículos dos países em desenvolvimento, constataram a necessidade de um currículo de educação em turismo distinto, que reflita singularidade, cultura e história. Assim, entendemos que em países emergentes, como é o caso do Brasil, torna-se extremamente importante uma maior atenção sobre a questão do desenvolvimento curricular em turismo.

A esse respeito, Tribe (2005) fornece uma interessante reflexão sobre a relação entre o turismo como fenômeno, o conhecimento do turismo e o currículo em turismo. O turismo como fenômeno é tanto a parte do mundo externo em que os seres humanos se ocupam em ser turistas quanto à afetada pelo turismo. Não é o mesmo mundo do estudo do turismo. Este último é composto de uma comunidade de pesquisa em turismo e de um registro simbólico do conhecimento em turismo. O estudo do turismo expõe novas maneiras de levar em conta o turismo, de mapear os novos conceitos, de elaborar novas teorias e de fundamentar um corpo de conhecimento. Contudo, o conhecimento em turismo é muito menor que a atividade que

⁸ Currículo é um termo muitas vezes utilizado para se referir a programas de conteúdos de cada disciplina. Mas, currículo pode significar também a expressão de princípios e metas do projeto educativo, que precisam ser flexíveis para promover discussões e reelaborações quando realizado em sala de aula, pois é o professor que traduz os princípios elencados em prática didática. Essa foi a concepção adotada nos Parâmetros Curriculares Nacionais. *Secretaria de Educação Fundamental*. (1998). Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e Quarto Ciclos: Apresentação dos Temas Transversais /. – Brasília: MEC/SEF.

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

descreve – está essencialmente ligado à construção de generalizações sobre o mundo fenomenal do turismo e à organização das teorias.

Costa (1996) destaca o reconhecimento da amplitude do fenômeno turístico pelos acadêmicos, empresários e gestores públicos. Segundo o autor, é hoje consensual considerar a indústria turística como fundamental no início do III Milênio, sendo um setor de serviços onde o trabalho é intensivo, o que justifica o estudo dos processos que podem tornar mais eficiente o sistema formativo que o suporta.

Por sua vez, Cachinho (2008), sublinha ser desnecessário um novo currículo para estabelecer novos desafios no âmbito das práticas pedagógicas, defendendo apenas uma reformulação de atributos de ensino que estabeleça programas de estudo mais confiáveis, tanto em termos de currículo quanto no olhar dos alunos. O autor acrescenta, ainda, ser crucial haver reais investimentos para mudanças nas metodologias e estratégias de ensino capazes de modificar o papel tradicional que os professores e estudantes cumprem no processo educacional.

Ensino e aprendizagem por meio da experiência

Ao longo da última década vários sociólogos têm escrito sobre a educação por meio da experiência aplicada em suas aulas, relacionando os problemas sociais que ocorrem fora da sala de aula com a aprendizagem em classe. Exemplos comuns de educação por meio da experiência incluem viagens de campo (Scarc, 1997), observação participativa (Calderon & Farrell, 1996), atividades de aprendizagem e educação cooperativa (Wright, 2000).

Estes estudos descrevem três benefícios principais da educação por meio da experiência: (1) para incentivar os alunos a aprender conceitos sociológicos abstratos através de situações concretas (Wright, 2000); (2) para criar experiências de trabalho prático (Corwin, 1996), e (3) para desenvolver a imaginação sociológica dos alunos, a capacidade de relacionar suas próprias experiências pessoais a questões estruturais (Stanley & Plaza, 2002).

Segundo Dewey (1997: 10), "*os alunos aprendem melhor fazendo.*" Com o aprender fazendo, os alunos aprendem por meio direto a manipular a ação ou atividade transportando essa experiência particular para experiências futuras. Este processo cíclico de aprendizagem por meio da experiência é utilizado por modelos de configurações experienciais conhecido como modelos de Kolb (1984).

Estas experiências concretas e observações reflexivas são essenciais para a aprendizagem (Dewey, 1997; Kolb, 1984). Por sua vez, Joplin (1981) caracteriza a educação por meio da experiência como um elevado envolvimento dos estudantes no processo de aprendizagem em

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

que: (1) a aprendizagem é baseada no estudante com os conhecimentos dos estudantes, (2) os alunos participam através de experiências organizadas e (3) a aprendizagem dos alunos é de natureza pessoal.

Na *Conferência Mundial de Educação para Todos*, (UNESCO, 1998), realizada em Jomtien na Tailândia, foram definidos quatro pilares da educação, que devem ser a meta para o desenvolvimento educacional em todos os países signatários de seus documentos. Esses pilares são: a) aprender a conhecer; b) aprender a fazer; c) aprender a viver com os outros e d) aprender a ser.

Portanto, percebe-se que estes pilares vão muito além da simples informação ou mesmo do mero desenvolvimento de um conhecimento intelectual. Abarcam toda a formação humana e social da pessoa. Objetivos desta natureza envolvem conhecimento, comportamento, conceitos, procedimentos, valores, atitudes, saber, saber-fazer e saber-ser. É pouco provável que possam ser atingidos com um ensino livresco, fragmentado, conteudista, estereotipado, estagnado. Exigem, portanto, novas perspectivas, uma nova visão da Educação.

Todavia, os estudos sobre o ensino por meio da experiência ainda são incipientes. (Wong & Wong, 2009) alertam a respeito da aplicação das viagens de campo como atividades de ensino por meio da experiência nos cursos de turismo e hospitalidade ao afirmarem que dado o apelo das viagens como parte de um programa educacional, é surpreendente que a literatura acadêmica pouco se tenha debruçado sobre o impacto dessas viagens na aprendizagem dos alunos nos programas de turismo. Embora não apresente parâmetros de investigação, Xie (2004) faz um alerta pertinente muito embora intrigante ao supor que a pouca abordagem sobre os efeitos das viagens de campo nos alunos possa estar relacionada com o fato destas viagens, enquanto componentes de um curso de turismo, serem percebidas apenas como momentos de férias ou feriados tendo pouco ou nenhum propósito significativo de ensino.

O argumento de Xie não deve ser visto com descaso ou descrédito, principalmente pela academia, ao contrário, merece dedicada atenção no âmbito da investigação em turismo.

Ainda nessa linha de raciocínio esta percepção “distorcida” citada pelo autor a respeito das viagens de campo havia sido verificada anteriormente em várias ocasiões em viagens de campo realizadas por este investigador no âmbito das atividades experienciais com seus alunos de cursos superiores de turismo. Tais viagens fazem parte do programa de ensino de disciplinas do curso superior de tecnologia em turismo e geralmente abarcam o envolvimento de todos os alunos da classe na atividade desde o seu planejamento até à sua execução. Entretanto, percebemos que, dado o suposto entendimento difuso da proposta da atividade por uma parcela dos alunos, os resultados obtidos em termos de aprendizagem pela turma no final dos trabalhos têm sido questionáveis.

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

Para além disso, o esforço empregado pelo professor para alcançar os objetivos da atividade pode, de certo modo, ser considerado improdutivo. Em parte, tal se deve, ainda supostamente, ao mencionado desentendimento dos alunos a respeito do significado da viagem de campo na formação em turismo, provocando uma mistura de euforia e expectativa demonstrada por aquela parcela de alunos a partir do lançamento da proposta pelo professor, mas principalmente, durante a realização da atividade em campo. E, uma vez que se estabelece uma compreensão equivocada à respeito da atividade por uma parcela de alunos da classe, essa pode ainda supostamente, influenciar e levar outros alunos da classe ao mesmo entendimento difuso. Por outro lado, o grau de conhecimento e entendimento do professor durante a fase de planejamento e de execução da atividade pode ainda representar uma considerável diferença nos resultados educacionais propostos pela atividade experiencial no ensino superior em turismo, nomeadamente no âmbito das viagens de campo.

Entretanto, estudos recentes como os de (Sanders & Armstrong, 2008;) que examinaram o papel das viagens de campo e do ensino por meio da experiência nos cursos de turismo e hospitalidade demonstraram que os métodos e técnicas destas atividades resultaram em respostas positivas por parte dos alunos e a certeza de que a aprendizagem pode ser fortalecida.

Por exemplo, Xie (2004) organizou uma excursão de quatro dias ao *Niagara Falls* para sua turma de turismo e, de uma forma geral, a sua pesquisa mostrou que as viagens de campo podem ter efeitos importantes sobre a formação dos alunos dos cursos de turismo. Um questionário contendo 25 itens sobre a experiência de viagem de campo revelou as atitudes positivas dos alunos em relação à esta atividade. A resposta com maior destaque no inquérito foi: "*Acho que aprendi mais sobre este destino visitando-o do que o faria através de livros ou da Internet*" (Sanders & Armstrong, 2008, p.33).

Isso demonstra que, embora a aprendizagem tradicional baseada em palestras produza benefícios (Luz & Cox, 2001; Murphy, 1998) pela transmissão de conhecimentos dos professores aos alunos, o ensino por meio da experiência como as viagens de campo podem promover a aprendizagem significativa ao invés de apenas transmitir conhecimentos.

Contudo, as estratégias de ensino por meio da experiência não deixam de apresentar as suas dificuldades. (Scarce, 1997) identifica as questões administrativas da escola, tais como organizar o transporte, os recursos necessários para o trabalho dos estudantes e o calendário de aulas durante o ano letivo além das preocupações com os seguros dos alunos como pontos cruciais. (Calderon & Farrell, 1996) descrevem o desafio de estabelecer e manter o acesso à Internet fora do campus da universidade, enquanto (Wright, 2000) sublinha que o tempo utilizado fora da sala de aula tem sido à custa do tempo destinado para uso dentro da sala de aula.

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

Atividades experienciais – um desafio ao ensino em turismo

A complexidade do ato de ensinar é bem conhecida e esta se estende sobre vários aspectos da profissão. O ensino é fisicamente exigente, os professores estão em constante atividade passando de uma parte da sala de aula e da escola para a outra. Pesquisas recentes confirmaram que o ensino também é cognitivamente exigente. Um professor toma inúmeras decisões não triviais diariamente. Em outras palavras, *“o ensino é tarefa de uma pessoa pensante, não é simplesmente uma questão de seguir um script ou a realização de projetos de outras pessoas”*. (Danielson, 2007, p. 2).

Embora os professores muitas vezes se sintam conduzidos em direções diferentes - em determinado momento como um orientador, noutro, como um gerente de negócios - um “fio condutor” percorre toda a estrutura de ensino e a define como uma estrutura de organização. Este consiste em envolver os alunos na aprendizagem de conteúdos importantes. Todos os componentes do quadro atendem a esta finalidade primária. E em busca de uma aprendizagem relevante, *“um professor constrói uma comunidade de alunos, onde todos se sentem respeitados e honrados”*. (ibid, p. 26).

Loewenstein (1994, p. 93) observou que:

“Os educadores são mais capazes de educar os alunos motivados do que motivarem-se a si próprios em primeiro lugar.” Certamente que nem todos possuem os dons daqueles professores verdadeiramente talentosos, mas argumentamos que o processo de ensino por meio da experiência pode, de fato, facilitar a aprendizagem, principalmente influenciando o professor a desenvolver apresentações mais entusiasmadas em sala de aula”.

Assim, a preparação por parte do formador para utilização da atividade por meio da experiência (especialmente se o professor a desenvolveu por si próprio) deve ser, em si envolvente e motivante. Deste modo, o professor chega à sala de aula mais entusiasmado com o que está ensinando e, frequentemente aquele entusiasmo tende a ser contagiante para os alunos.

Porém, no ensino em turismo profissional e tecnológico no Brasil em particular, é provável que parte dos professores não se oriente por este “fio condutor” mencionado por Danielson (2007) e, ainda, careçam de um completo conhecimento acerca da aplicação do método de ensino pela experiência. Assim, quando o fazem, em geral tendem a utilizar métodos improvisados com base, por vezes no seu próprio conhecimento, sua intuição e sua forma de pensar, ou ainda mais confiantes em suas experiências de vida, ou mesmo no tempo de atuação no ensino. Talvez não lhes restam alternativas, posto que, supostamente, não lhes foram ensinados os procedimentos para realizarem atividades de ensino-aprendizagem.

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

Percepções preliminares com base em alguns atores

Na educação em turismo o ensino por meio da experiência é um método de extrema relevância no processo de ensino e aprendizagem devido à própria característica de formação dos futuros profissionais em turismo. Em Portugal por exemplo, pudemos perceber a concepção dos professores acerca do significado dessas atividades como método de ensino, considerando que essas ajudam os alunos a compreenderem o que se ensina nas aulas práticas, despertam habilidades e permitem (re)avaliar a disciplina por parte dos professores. O fato das atividades serem uma oportunidade de contato dos alunos com a prática profissional, além de um complemento à sua formação, são aspectos indicados pelos professores que os motivam à realização destas atividades.

Contudo, estudo realizado por (Souza & Gonçalves, 2012), que procurou conhecer as implicações educacionais do método de ensino por meio da experiência aplicado ao ensino do turismo e hospitalidade em Portugal,⁹ trouxe algumas evidências a respeito do limitado conhecimento por parte do professor acerca da aplicação de ensino experiencial em suas aulas, fato que nos tem conduzido à algumas reflexões.

Foram sujeitos do estudo professores que lecionam no ensino superior em turismo em instituições de ensino portuguesas e que realizam ou já tenham realizado atividades experiências com os alunos. Utilizando-se de inquéritos por questionário compostos por 21 questões fechadas, sendo 6 delas à escala de Likert os investigadores enviaram 70 inquéritos, tendo sido devolvidos corretamente preenchidos 25 inquéritos. Muito embora estejamos conscientes de que o conjunto que compõe a amostra não seja o ideal em termos de representatividade, ainda assim os resultados nos forneceram dados que mereceram nossa atenção

Desse modo, se por um lado a totalidade da amostra tenha concordado plenamente que para realizar atividades de ensino por meio da experiência seja necessário, entre outros, “conhecimento e experiência por parte do professor sobre as estratégias a utilizar”, por outro, ao serem solicitados a indicarem por meio de escala de Likert – (variando entre totalmente despreparado a totalmente preparado) – o seu “próprio nível de conhecimento e experiência para realizarem atividades experienciais com seus alunos”, a maioria (82%) dos professores considerou-se (relativamente preparado) enquanto que somente (18%) entendeu estar (totalmente preparado). Percebe-se, então, que a maioria dos professores da amostra não se considera totalmente preparada para realizar atividades experienciais, dados estes que sugerem, portanto,

⁹ Trabalho apresentado no IX Foro sobre Evaluación de La Calidad de La Investigación Y de La Educación Superior. Santiago de Compostela, 2012.

X SEMINÁRIO 2013 ANPTUR

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

que os professores de turismo carecem de um completo conhecimento sobre a aplicação do método de ensino pela experiência.

Quanto à variável que pretendeu conhecer o seu “entendimento sobre as atividades de viagens de campo estarem associadas a simples passeios” surpreendeu que (24%) concordaram com essa premissa ao passo que (29%) não discordaram e nem concordaram. Adicionalmente, (35%) indicaram discordar da premissa sendo que causou surpresa maior o fato de apenas (12%) discordarem plenamente da premissa. Esses indicadores podem explicar, em parte, o postulado por (Wong&Wong, 2009) ao surpreender-se com a pouca literatura acadêmica sobre os impactos das viagens de campo no aprendizado dos estudantes dos programas de viagem e turismo, assim como sugerem, ainda, corroborar com o mencionado por (Xie, 2004), quando esse autor afirma que as viagens de campo componentes dos programas dos cursos de turismo são percebidas como passeios de feriados possuindo pouco ou nenhum propósito educacional.

Na fase em que nossa investigação ora se encontra alguns indicadores preliminares importantes nos instigam a avançar no estudo. Neste momento, ingressamos na “testagem” ou pré-teste dos instrumentos de investigação que estamos realizando em uma escola de Portugal para melhor estruturar as idéias antes do estudo empírico efetivamente no Brasil. Optamos por fazê-lo junto aos professores e alunos da Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril – ESHTe. Trata-se de uma das instituições politécnicas e centro de formação de prestígio na área do turismo, localizada na cidade do Estoril, em Portugal. Para além disso a modalidade de ensino nos politécnicos em Portugal é equivalente à dos Institutos Federais no Brasil.

Com base nos dados preliminares verificados em observações de aulas/atividades experienciais, foi possível ainda em tempo abordar algumas questões neste “*paper*” antes da sua “*dead line*”. Informações complementares poderão, ainda, ser apresentadas posteriormente na apresentação deste, muito embora de forma cautelar, no intuito de preservar a natureza e a originalidade dos dados, evitando sobretudo, a divulgação de informações com base em análises pré-concebidas.

Assim, observamos atividades experienciais de modo naturalista (recolha dos dados no meio natural em que ocorrem) – conduzidas por duas professoras e um professor da ESHTe (A,B e C), sendo duas aulas observadas em sala de aula onde foi possível registrar dados a respeito da atuação dos professores durante o planejamento das atividades com os alunos e três atividades no espaço em que cada uma delas foi executada pós planejamento, cujo objetivo foi a descrição, o mais pormenorizada possível, dos fatos tal como aconteceram em ambiente natural e onde

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

recolhemos uma quantidade de dados que posteriormente se transformariam em (listas de verificação ou *check-lists*)¹⁰.

As três atividades experienciais executadas pelos alunos em campo e observadas foram: 1) evento de um dia que contou com a participação de oradores profissionais do turismo no auditório da ESHTe; 2) dinâmica de grupo e time de aluno, atividades próprias para o turismo de aventura lecionada pelo professor em área externa da escola; e 3) jantar “às cegas” (*blind dinner*) no restaurante casa do alentejo em Lisboa, que tinha como proposta sociabilizar pessoas desconhecidas umas das outras (clientes) reunidas por uma noite num jantar.

As atividades observadas fazem parte do programa das disciplinas na ESHTe: 1) Planejamento e Gestão em Animação Turística – PGAT (alunos do 6º semestre do curso) e 2) Desporto e Turismo Aventura – DTA (alunos do 4º semestre do curso) que, por sua vez, são componentes curriculares do curso superior de Gestão do Lazer e Animação Turística. As duas aulas observadas em sala de aula da disciplina PGAT, uma no período da manhã e a outra no período da noite tinham como tema (acompanhamento de projeto) que consiste na orientação por parte das professoras ao planejamento dos projetos estruturados pelas equipes de alunos (em média cinco alunos por equipe). Na sequência, três atividades experienciais foram observadas em seus locais de execução, 2 atividades de PGTA (aplicação do projeto) e 1 atividade de DTA (aula em campo).

O nosso papel foi o de observador não participante, sem videografar a preparação em sala de aula para não introduzir alterações que pudessem perturbar o seu funcionamento, recorrendo às notas de campo, simultaneamente. Porém, videografamos fragmentos pontuais da atividade executada por uma das equipes de alunos no restaurante na cidade de Lisboa. Para além disso, observamos também os “*briefing*” (preparação antes do início da atividade) como também os “*debriefing*” (reflexão após a execução de cada atividade), seja com os professores, seja com os grupos de alunos envolvidos nas mesmas, em que se analisavam as ocorrências e se sugeriam alternativas de modo a suprir deficiências, permitindo aos atores refletirem sobre o desenvolvimento das mesmas.

Portanto, nos limitamos a observar os episódios sem qualquer intenção de avaliar ou fazermos juízo de valor do método utilizado pelos professores muito menos do conteúdo de aula. Todavia, foi possível perceber claras evidências de procedimentos comuns aos três professores que vão “ao encontro”, como também “de encontro” ao que sugere Altet (2000), ao sublinhar que uma observação metódica e a análise sequencial das interações na aula vão permitir-nos

¹⁰ “Forma mais elementar do questionário, a check-list é uma simples folha de inventário (folha de controle, de anotação) destinada a guiar e a sistematizar a observação. A check-list serve para constatar a presença ou ausência de um objeto sem formulação de juízo ou apreciação” (Rosado Pinto, 2006, p. 215).

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

investigar o que se passa no plano cognitivo, pedagógico, plano da comunicação e plano afetivo na condução das atividades.

Quadro I – Observação de aulas/atividades experienciais de professores da ESHTe

Procedimentos perceptíveis nos professores	Procedimentos não perceptíveis nos professores
Segurança e conhecimento sobre os objetivos, procedimentos e técnicas na condução da atividade;	Não utilização de tratamento nominal aos alunos;
Entusiasmo e motivação durante planejamento como também na execução da atividade;	Não congratulação aos alunos pelo desempenho satisfatório;
Questões dos alunos, individuais ou da equipe, surgiam com naturalidade (indicativo do ensino com base na reflexão) e prontamente respondidas;	Pouca preocupação com alunos menos participativos;
Sublinham pontos importantes da atividade com voz clara e audível e gestos apropriados;	Não utilização de questões de avaliação (aquelas que implicam críticas por parte dos alunos)
Deram oportunidade às perguntas dos alunos ao final da aula, além de permanecerem disponíveis para possíveis questões;	
Sugeriram às equipes alternativas de solução de problemas.	

Fonte: elaborado pelo autor

Esse pré teste nos tem ainda conduzido para uma reflexão a respeito de melhor estruturar as observações a serem realizadas no estudo empírico. Assim, percebemos que a observação das aulas/atividades experienciais conduzidas pelos professores durante seu planejamento em sala de aula nos possibilita analisar tão somente a vertente dos procedimentos dos professores e suas formas de orientar os alunos em seus projetos, possibilitando, portanto, observar comportamento, atitudes e conhecimentos profissionais enquanto professor. Entretanto, a observação da execução das atividades experienciais pelos alunos em situações reais em campo, pra além de nos permitir observar os episódios de ensino contribuem também para observar e ao mesmo tempo refletir sobre outros contextos no âmbito da aprendizagem dos alunos, tais como: o desenvolvimento do espírito de liderança (por sinal visível em maior grau em determinados alunos); a cooperação ou não dos demais alunos da classe para com a equipe que apresenta o projeto; o (des)controle da ansiedade mais presente em alguns alunos; a capacidade de criatividade, improvisação pelo aprender fazendo, bem como outros.

À exceção da atividade experiencial “dinâmica de grupo e time de aluno” em que o professor conduziu integralmente a atividade, nas duas outras atividades em campo percebemos que as professoras se concentraram no papel de observadoras, fazendo anotações,

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

provavelmente avaliativas, e registros (fotográficos inclusive) pontuais durante toda a duração da mesma. Dessa forma, os alunos se viam levados a demonstrar da melhor forma, tudo o que haviam aprendido durante as orientações em sala de aula. Participação apenas pontuais das professoras ocorreram durante o “*debriefing*”, porém convieram poupar detalhes, muito provavelmente devido ao cansaço demonstrado por todos àquela altura.

Do mesmo modo, no caso do evento no auditório da ESHTe, as professoras não se juntaram aos demais professores do curso na platéia para assistirem ao evento. Ao contrário, limitaram-se a permanecer incansavelmente de pé e estáticas na parte de trás do auditório numa provável demonstração de avaliação do desempenho dos alunos durante a atividade. Ao final do evento e agora no auditório vazio, todos os alunos envolvidos se reuniram também no “*debriefing*” para debater o desempenho e o resultado pós evento. Foi perceptível que os próprios alunos, embora demonstrassem sensação de alívio, reconheceram pontos que precisam melhorar. Por sua vez, as professoras demonstraram uma “tímida” satisfação pelo desempenho da equipe na atividade priorizando enfatizar os pontos não satisfatórios por elas verificados.

Considerações finais

Ambição, visão, resiliência, equipe. Fizemos questão de registrar essas palavras mencionadas pelo Dr. Paulo de Farias, empresário do setor de turismo de aventura em Portugal, na abertura de sua oratória no evento elaborado pela equipe de alunos no auditório da ESHTe. Segundo o empresário, são estes os principais componentes que a empresa hoje almeja e que devem fazer parte do perfil profissional dos graduados.

Entretanto, ao analisarmos com mais detalhe “o que” as empresas desejam hoje dos graduados no mercado e compararmos com “o como” as escolas estão ensinando esses futuros graduados é, supostamente provável, que confrontaremos alguns “viéses” pelo caminho do ensino e aprendizagem, nomeadamente em turismo, com base em duas suposições: a primeira, e considerando os atributos essenciais elencados pelo citado orador, verificamos que existem aqueles que o “mercado” prioriza mas que fazem parte também, indubitavelmente, da própria formação da pessoa humana e, portanto, não se deve esperar que estes sejam exclusivamente ensinados na escola. Todavia, entendemos que a escola tem o seu papel, verdadeiramente crucial ao longo da formação do aluno, de contribuir para que ele consiga “lapidar” esses atributos que lhe são próprios. No entanto, a julgar pelos procedimentos que tal desafio exige, preparar e disponibilizar no mercado esse “produto” que as empresas buscam pode levar um maior ou um menor tempo. Disso dependerá, e assim entendemos, da interface que as escolas e as empresas estariam dispostas a estabelecer em prol do ensino e aprendizagem em turismo.

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

Segundo, e com base na literatura até o momento consultada e consubstanciada ainda nas primeiras observações de aulas/atividades, os professores de turismo da ESHTe não deixaram dúvidas a respeito do conhecimento que carregam consigo sobre os procedimentos técnicos e profissionais na condução das atividades experienciais com os alunos, no entusiasmo e motivação demonstrados, ou das questões levantadas pelos alunos e prontamente respondidas pelos professores. Entretanto, percebemos ainda outros componentes importantes que deixaram de ser observáveis nos professores durante a fase de planejamento e condução das atividades, o que, visto de outra forma, supostamente possa ser um fator diferenciador no resultado educacional da aprendizagem.

Assim, precisamos ainda conhecer de que maneira esse conhecimento é construído e qual é a percepção desses professores sobre ensinar o turismo no ensino profissional e tecnológico e no âmbito das atividades experienciais. Para além disso, a investigação não estará completa se não estabelecermos a triangulação metodológica de modo a mensurarmos os resultados educacionais promovidos nos alunos.

Como referimos, nosso trabalho encontra-se avançando e a continuidade da investigação ainda poderá nos reservar dados que nos permitem, de certa forma, refletir melhor a respeito das atividades experienciais no ensino em turismo na rede federal de educação científica e tecnológica no Brasil. Na continuidade desse trabalho outros instrumentos de coleta de dados serão agregados, quando então reuniremos elementos complementares que nos possam fornecer informações e dados de modo a possibilitar uma análise factível e confiável.

Referências bibliográficas

- Altet, M. (2000). *Análise das Práticas dos Professores e das Situações Pedagógicas*. Porto (Ed). Porto.
- Cachinho, H. (2008). *Using Problem-Based Learning to teach retailing and consumption geographies*. University of Lisbon. Disponível em (<http://www.herodot.net/conferences/ayvalik/papers/educ-02.pdf>), acessado em 12 de março de 2013.
- Calderon, J., & Farrell, B. (1996). Doing sociology: connecting the classroom experience with a multiethnic school district. *Teaching Sociology*, 24, 46–53.
- Corwin, P. (1996). Using the community as a classroom for change in introductory sociology classes. *Teaching Sociology*, 24, 310–315.
- Costa, C. M. M. (1996), *Towards the Improvement of the Efficiency and Effectiveness of Tourism Planning and Development at the Regional Level: Planning, Organisations and Networks. The Case of Portugal*, Thesis of the Award of PhD Degree, Guildford: University of Surrey.
- Danielson, Charlotte (2007). *Enhancing professional practice: a framework for teaching*. ASCD: Alexandria, VA.
- Dewey, J (1997). *Experience and education*. Simon & Schuster. New York.
- Everett, K. D. (1998). Understanding social inequality through service learning. *Teaching Sociology*, 26, 299–309.

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

- Jamal, T., & Robinson M. (2009). *The Sage Handbook of Tourism Studies*. Los Angeles: (Ed). Sage Publications.
- Joplin, L. (1981). On defining experiential education. In K. Warren, M. Sakofs, e J. Hunt (Eds.), *The theory of experiential education*, p.15-22. Boulder, CO: Association for Experiential Education.
- Kaplan. A. (1982). A Management Approach to Hospitality and Tourism Education. In.: *International Journal of Hospitality Management*, 1(1), pp. 11-17.
- Kolb, D. (1984). *Experiential Learning: Experience as the source of learning and development*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.
- Lewis, A. & Tribe, J. (2002). Critical Issues in the Globalisation of Tourism Education. In.: *Tourism Recreation Research*, 27 (1),2002, pp. 13-20.
- Loewenstein, George (1994), The Psychology of Curiosity: A Review and Reinterpretation. *Psychological Bulletin*, 116 (1), 75-98.
- Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura, UNESCO (1998). *Declaração Mundial sobre Educação para Todos: Satisfação das Necessidades Básicas de Aprendizagem*. Jomtien, Tailândia.
- Organização Mundial do Turismo, OMT (1997), *An Introduction to Tedqual: a Methodology for Quality in Tourism Education and Training*, Madrid: OMT
- Parsons, D.(1991). The Making of Managers: Lessons from an International Review of Tourism Management Education Programmes. *Tourism Management*, 12 (3).
- Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica/Ministério da Educação / Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (2008), v.1 n.1. Brasília: MEC/SETEC.
- Rosado Pinto, P. M. F. A. C (2006). *A formação pedagógica de docentes médicos – Um estudo de caso*. Doutoramente em Ciências da Educação. Universidade de Lisboa.
- Sanders, D. & Armstrong, E (2008). Understanding student's perceptions and experience of a tourism management field trip: the need for a graduated approach. *Journal of hospitality and tourism education*, 20(4), 29-37.
- Scarce, R. (1997). Field Trips as short-term experiential education. *Teaching Sociology*, 25, 219–226.
- Souza, R. J. & Gonçalves, S. (2012). Atividades de ensino pela experiência no turismo pelo olhar dos professores. *IX Foro Internacional Sobre Evaluación de La Calidad de La Investigación Y La Educación Superior*. Escola Galega de Administración Pública, Santiago de Compostela.
(Disponível em <http://www.ugr.es/~aepc/IXFORO/LIBRORESUMENESIXFORO.pdf>. p.698).
- Stanley, K., & Plaza, D. (2002). "No passport required: An action learning approach to teaching about globalization. *Teaching Sociology*, 30, 89–99.
- Tribe, J. 2002. The Philosophic Practitioner. *Annals of Tourism Researcher*, 29 (2): 338-57.
- Tribe, J. (2005). Tourism, Knowledge and the Curriculum. In.: Airey, D. and Tribe, J. (Eds.). *An International Handbook of Tourism Education*. Amsterdam: Elsevier, p. 47-60.
- Weiermair, K.(1995). Structural Changes in the Tourism Industry and Adaptation of Professional Training Systems. In.: *Espaces*, n. 13, Montreal, pp 109-114.
- Wong, A. & Wong, C. K. (2009). Factors affecting student's learning and satisfaction on tourism and hospitality course-related Field trips. *Journal of Hospitality and Yourism Education*, 21(1), 25-35.
- Wright, M. C. (2000). Getting more out of less: The benefits of short-term experiential learning in undergraduate sociology courses. *Teaching Sociology*, 28, 116–126.
- Xie, P. F. (2004). Tourism Field trip: Student's view of experiential learning. *Tourism Review International*, 8, 101-111.